



Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Publicidade e Propaganda

URUDIÁ

JULIANA MATIAS BORGES

Brasília

2018

JULIANA MATIAS BORGES

URUDIÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Mendes de Souza

Brasília

2018

JULIANA MATIAS BORGES

URUDIÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Mendes de Souza

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Mendes de Souza

Orientador

Prof. Dr. Wagner Antonio Rizzo

Membro

Prof. Me. Rafael Dietzsch

Membro

No sertão, só o que é forte prevalece. Coisas especiais se encontram como se fossem destinadas a ser. Assim mesmo sem vê, sem para quê. Nonada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que se movem para tentar fazer do mundo um lugar um pouco melhor. Em especial, aqueles em que tive a oportunidade de conhecer no decorrer deste trabalho: Prof. Luís Guilherme Baptista (Setor Leste), Profa. Marilene Lara (Setor Leste), Prof. Acácio Calil (Setor Leste), Prof. Marcus Viana, Profa. Suzan Paula, Prof. Carlos Doberstein, Divino Fonseca, Damiana Campos (Chapada Gaúcha - MG), Diana Campos (Chapada Gaúcha - MG), Daiana Campos (Chapada Gaúcha - MG), Almir Paraca (MG), Gustavo Meyer (MG), Fábio Toledo (Chapada Gaúcha - MG), Tico (Buraquinhos - MG), Raimundo Nonato (Itacarambi - MG) e Seu Zezo (Vão dos Buracos - MG). Foi a dedicação e o encantamento de vocês que me inseriu no universo Roseano, fazendo com que eu me apaixonasse de diferentes formas por esse Sertão e suas Veredas, o que marcou e transformou a minha vida.

Sou grata também a todos que me receberam em suas casas: Maria, Tico, Jeferson, Jéssica, Jacseline, Jaqueline, Seu João Grilo, Lourivaldo, André, Duda, Dona Balbina, Seu Zé Domingos, Rogério, José Carlos, Rosália, Daliane, Vaneusa, Vanezia, Weberton, Luziene, Kauana, Dona Dilma, Willians, José Wilson, Liliane, Evandro, Adriana, Iridan e Leozinho.

Aos filhos da Ana Pereira pelas melhores conversas sobre assombração e visagem no calor de um fogão a lenha: José Marcos, Clézio, Raquel e, em especial, ao Digo (Adriel) por me acompanhar até onde foi possível seguir a pé.

Ao professor Wagner Rizzo que me socorreu de incontáveis maneiras durante esse projeto. E ao Rogério por todo apoio e suporte nesta fase final. Ao professor Rafael Dietzsch por todas as recomendações e atenção dispensada. Ao meu orientador, Luciano Mendes, pela paciência e suporte.

Gratidão maior aos que tiveram ao meu lado em todos os momentos neste trabalho e na vida. São meu alicerce e o que tenho de mais precioso nesse mundo: minha mãe Rosinalda Alencar, minha irmã Pâmela Nascimento, minha irmã Priscila Borges (*in memorian*) e minha avó Antônia Matias (*in memorian*).

Aos amigos Matheus Nunes e Anne Rangel pelo apoio espiritual, incentivo e por não me deixarem desistir. Ao Lucas Santana pela força, pelas dicas e por ser um exemplo como profissional e ativista. E ao Sílvio Júnior da R1 Produtos Gráficos por toda ajuda e atenção prestada.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma travessia feita no sertão mineiro. Os projetos, pessoas, manifestações culturais e paisagens encontrados. Todo esse trajeto foi realizado no Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu, um conjunto de áreas protegidas do bioma Cerrado, e teve como inspiração a obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, que empoderou aquela região, tornando-a conhecida no Brasil e no mundo através da literatura. Essa jornada tem início nas águas do Rio Pardo, que nasce no Vão dos Buracos e dá vida às comunidades ribeirinhas de Buracos e Buraquinhos, em Chapada Gaúcha (MG), e segue até o rio São Francisco, como o caminho feito pelo aquífero do Urucuia. A pesquisa resultou no livro Urudiá, que busca incentivar o turismo de base comunitária na região e evidenciar os moradores destas comunidades. Nesse sentido, a comunicação é utilizada como instrumento de documentação, divulgação e memória.

Palavras-chave: Travessia. Cerrado. Sertão Veredas. Turismo de Base Comunitária. Comunicação.

ABSTRACT

The present work presents a crossing made in the hinterland of Minas Gerais. The projects, people, cultural manifestations and landscapes found. All this route was realized in the Mosaic Sertão Veredas - Peruaçu, a set of protected areas of the Cerrado biome, and had as inspiration the work "Grande Sertão: Veredas", of João Guimarães Rosa, who empowered that region, making it known in Brazil and in the world through literature. This journey begins in the waters of the Rio Pardo, which is born in the "Vão dos Buracos" and gives life to the riverside communities of Buracos and Buraquinhos, in Chapada Gaúcha (MG), and continues to the São Francisco River, like the path made by the Urucuia aquifer. The research resulted in the book *Urudiá*, which seeks to encourage community-based tourism in the region and to highlight the residents of these communities. In this sense, the communication is used as an instrument of documentation, dissemination and memory.

Keywords: Crossing. Cerrado. Sertão Veredas. Community-Based Tourism. Communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROBLEMA DE PESQUISA	14
3. JUSTIFICATIVA	16
4. OBJETIVOS	17
5. REFERENCIAL TEÓRICO	18
5.1. Turismo de Base Comunitária.....	18
5.2. Poéticas da Viagem.....	19
5.3. Memória Coletiva.....	20
5.4. Fotografia Documental.....	21
6. METODOLOGIA	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
8. REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

O Cerrado ocupa $\frac{1}{4}$ do território nacional e por localizar-se na região central é responsável por unir quatro dos seis biomas brasileiros: Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga e Pantanal. Por sua geografia de planaltos este bioma é uma das mais importantes fontes de água para o país, pois alimenta seis das oito grandes bacias hidrográficas brasileiras: Amazônica, Araguaia/Tocantins, Atlântico Norte/Nordeste, São Francisco, Atlântico Leste e Paraná/Paraguai, incluindo as águas que escoam para o Pantanal: a maior planície inundável do planeta.

Na bacia do São Francisco o Cerrado contribui com quase 90% da água para o rio (WWF Brazil, 2014). O Velho Chico ou Opará, como era conhecido antes da colonização, nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e atravessa o Brasil até o Oceano Atlântico onde deságua pela divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe. A Bacia possui sete unidades da federação (DF, GO, MG, BA, PE, AL e SE) e 507 municípios, sendo de grande importância para o polígono das secas, que enfrenta períodos críticos de prolongadas estiagens e diferentes índices de aridez, situado no Nordeste e norte de Minas. Além de levar água para essas regiões mais secas, o rio contribui para o suprimento de energia elétrica, mantendo nove usinas hidrelétricas em operação.

Do Cerrado também depende a recarga de três grandes aquíferos: Guarani, Bambuí e Urucuia. Este último nutre a região norte de Minas e flui até o Rio São Francisco. O aquífero é um reservatório de água embaixo do solo formado por rochas porosas e permeáveis e abastecido pela chuva. É dos aquíferos que vem a água que dá vida às veredas e torna os rios perenes mesmo nos períodos de seca. Contudo, o uso de agrotóxicos no solo pode contaminar os aquíferos e envenenar essas águas. Outro agravante é a utilização irregular de poços artesianos, especialmente em escala industrial. O comprometimento desse recurso pode colocar em risco a vida de gerações futuras.

Conforme dados do Manifesto do Cerrado, feito pela WWF Brazil (2017), este bioma já perdeu 50% de sua vegetação original. A principal ameaça é o desmatamento causado pela expansão do agronegócio e da pecuária no interior do país. Outros fatores que aumentam essa destruição são os incêndios florestais, a construção de hidrelétricas e a demanda por carvão

vegetal oriundo de árvores nativas. Por mais de 10 anos, as taxas de desmatamento do Cerrado ultrapassam as da Amazônia (WWF, 2017). Segundo Michael Becker (2012), menos de 3% do Cerrado estão de fato protegidos pelo poder público. Há fragilidades na legislação e na fiscalização, embora estas sejam de vital importância para a preservação. A discussão em torno da sobrevivência do Cerrado é necessária, pois a sua devastação prejudica o elo de ligação entre os biomas e coloca em situação de risco um recurso indispensável: a água.

Guimarães Rosa reconheceu a importância dessa região já em 1956, quando consagrou uma parte dela em sua obra “Grande Sertão: Veredas”. Nesse livro, ele descreve os cursos de água localizados à margem esquerda do Velho Chico e também narra paisagens e vivências do povo sertanejo que habita a região. O trabalho de Rosa empoderou o sertão mineiro e tornou-o conhecido no Brasil e no mundo através de um romance revolucionário para a época. Não é por acaso que a sua obra exalta paisagens naturais, fauna, povo, rio e, em especial, o rio Urucuia que é o seu rio de amor.

A Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000 institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Essa lei determina em seu artigo 26:

Quando existir um conjunto de unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas protegidas públicas ou privadas, constituindo um mosaico, a gestão do conjunto deverá ser feita de forma integrada e participativa, considerando-se os seus distintos objetivos de conservação, de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional (BRASIL, 2000).

Assim origina-se a política de mosaicos ambientais no Brasil que posteriormente foi regulamentada de forma mais específica pelo Decreto n. 4.340, de 22 de agosto de 2002.

O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu foi criado em 2009 e integra as unidades de conservação localizadas à margem esquerda do Rio São Francisco, ao norte de Minas Gerais e sudoeste da Bahia, região em que se passa o romance “Grande Sertão: Veredas”, citado anteriormente. Esse mosaico foi dividido em três núcleos geográficos: Sertão Veredas,

Pandeiros e Peruaçu. Em julho de 2018 teve seu território ampliado chegando à quase 3 milhões de hectares em um total de 25 áreas protegidas (WWF, 2018).

Esse mosaico contempla quase todas as modalidades de unidades de conservação previstas no SNUC (Lei 9.985/2000), além de áreas indígenas Xakriabás e quilombolas. Em Minas Gerais o mosaico abrange os municípios de Formoso, Arinos, Chapada Gaúcha, Urucuia, Cônego Marinho, Januária, Itacarambi, Bonito de Minas, São João das Missões, Miravânia, Manga, dentre outros. É uma terra rica em biodiversidade e cultura. Para essa pesquisa o enfoque se deu no núcleo geográfico do Sertão Veredas, no município de Chapada Gaúcha (MG).

A cidade de Chapada Gaúcha tem sua população estimada em 13.397 habitantes (IBGE, 2018) e recebeu esse nome devido a forte influência dos gaúchos que chegaram a essa região em 1976 através de um Projeto de Assentamento dirigido à Serra das Araras. Foi chamada por muito tempo de Vila dos Gaúchos até que em 1995 foi reconhecida como município e recebeu o nome que tem hoje. A chegada dos gaúchos aumentou o poder aquisitivo do local e trouxe algumas melhorias como: hospitais, comércio e escolas. Contudo, ressalta-se que já haviam na região comunidades ribeirinhas e quilombolas e que essa expansão trouxe consigo o desmatamento. A cidade é conhecida como uma das maiores produtoras de sementes de capim do país e, segundo dados da prefeitura, caminha em processo de desenvolvimento agro-silvo-pastoril acelerado. É marcante ao se aproximar da cidade a vista de enormes plantações agrícolas e áreas desmatadas.

O Parque Nacional Grande Sertão Veredas tem sua sede localizada no município de Chapada Gaúcha e possui uma área de 230.853,42 hectares (ICMBIO, 2018), por isso é considerado um dos maiores parques nacionais no bioma Cerrado. Recebeu esse nome por influência da obra de Rosa e foi criado em 1989, em decorrência de uma solicitação da FUNATURA ao Governo Federal. A área do parque protege o alto curso do rio Carinhanha, parte da bacia do ribeirão Mato Grande e a bacia do rio Preto. Também serve de proteção para os aquíferos do Bambuí e do Urucuia e para a vida de espécies endêmicas ameaçadas como a onça e o veado. Em apoio à área de proteção integral do parque, foram estabelecidas unidades de conservação nas proximidades como o Corredor Ecológico do qual fazem parte as comunidades ribeirinhas de Buracos e Buraquinhos. Corredores Ecológicos são porções de ecossistemas que ligam unidades de conservação de forma que possibilite o fluxo de genes e movimento da biota.

Assumindo a complexidade de todo esse contexto social, ambiental, político e literário, esse trabalho de conclusão de curso busca evidenciar essa região, através dos moradores dessas comunidades, por considerá-los entes importantes para a preservação ambiental e cultural da região. Durante o período de dois anos foram realizadas pesquisas de campo *in loco* para reconhecimento desses moradores, seus hábitos de vida e costumes. As imagens e relatos registrados nessa pesquisa resultaram no livro Urudiá. Outro fator importante que contribuiu para a idealização desse livro foi a atuação de entidades, institutos e projetos, na região, que tem por objetivo a preservação em diálogo com a economia e a valorização da cultura e saberes dos povos tradicionais, reforçando a sua importância cultural e histórica para a construção de uma identidade nacional.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Ao adentrar o sertão mineiro, especialmente na cidade de Chapada Gaúcha, torna-se gritante as dinâmicas de poder que ocorrem em relação ao meio ambiente e a subsistência das comunidades tradicionais. De um lado está o agronegócio tentando expandir sua área de atuação sobre a mata nativa e do outro estão comunidades tradicionais que vivem por gerações nesses espaços e precisam do cerrado preservado para sobreviver. Da mata extraem mantimento e dos rios e nascentes se abastecem de forma sustentável. A expansão do agronegócio sobre áreas verdes, dentre outros impactos ambientais, contamina os rios que são a base dessas comunidades ribeirinhas.

O agronegócio foi o responsável por cerca 30% do Produto Interno Bruto brasileiro, que no ano 2017 chegou R\$ 6,6 trilhões. Essa categoria vai em oposição a crise econômica que estamos vivenciando, pois tem apresentado crescimento de até 13%, conforme dados do Jornal da USP (FERRAZ, 2018). O Brasil é o segundo maior exportador individual de produtos agrícolas do mundo e é inegável a importância que isso representa para o país. Contudo, o nosso modelo agrícola é ambientalmente predatório e não atende de forma satisfatória a sociedade brasileira, pois é fundado em um mecanismo de grandes propriedades monocultoras voltadas prioritariamente para exportações o que aumenta a concentração de renda e agrava desigualdade social (WWF, 2012).

Diante do exposto, surge a necessidade de uma solução que dialogue com as produções agrícolas, as comunidades tradicionais e as entidades de preservação do meio ambiente, pois todos dividem e são diretamente impactados pela dinâmica que se dá nessa teia. Identificou-se que os moradores das comunidades ribeirinhas possuem o menor poder de fala em termos políticos e comunicacionais, por muitas vezes tendo sua existência ignorada pelos governantes e pela população brasileira. Em contrapartida, os praticantes do agronegócio são bem representados, articulados, e possuem maior poder aquisitivo. As entidades de preservação do meio ambiente e instituições que lutam pela subsistência dessas comunidades também precisam de apoio. Cabe ressaltar que essa relação agronegócio/comunidades tradicionais, de um modo geral, não atinge só os diretamente envolvidos, mas a sociedade brasileira e até mesmo internacional, quando envolve o meio ambiente e a água.

Outro ponto que requer atenção é a preservação da identidade e da memória das comunidades tradicionais e dos povos sertanejos que se vêem cada vez mais ameaçadas diante da redução de seus espaços. A medida que o cerrado é desmatado e a população tradicional não consegue sobreviver em seu meio nativo sua cultura, saberes e conhecimento também são extintos. Esse fim anuncia um flagelo à identidade brasileira enquanto nação e o retrocesso do conhecimento acumulado por gerações por meio da oralidade. Os hábitos dessas comunidades são um exemplo de vida saudável e com qualidade em oposição a essa lógica dos grandes centros que já vem apresentando colapsos.

Nesse contexto surge o seguinte questionamento: como a comunicação pode contribuir para o reconhecimento das comunidades tradicionais e estimular o turismo de base comunitária na cidade de Chapada Gaúcha?

3. JUSTIFICATIVA

Os meios de comunicação são importantes ferramentas sociais de conscientização e informação. Esse trabalho utilizou a comunicação visual gráfica e a fotografia para retratar o cotidiano e as peculiaridades do sertanejo mineiro de forma a dar visibilidade aos moradores das comunidades de Buracos e Buraquinhos, bem como as entidades e ativistas que atuam na região com muita dedicação e luta. Assim, o livro Urudiá vem documentar, preservar e contar uma parte da história e cultura dessa região, reforçando a identidade dessas comunidades enquanto grupo que possui características próprias e constitui um elemento fundamental para a construção da identidade nacional brasileira.

Empoderar o potencial comunicacional desses moradores é de extrema relevância, pois eles atuam como guardiões do Cerrado se relacionando de forma sustentável com o meio, protegendo as terras e evitando que o desmatamento, a caça e a poluição se expandam. Preservar o meio ambiente é imprescindível para a sobrevivência humana na terra, e o Brasil possui fontes exponenciais de recursos naturais e hídricos. Proteger a cultura tradicional sertaneja é proteger o Cerrado e os aquíferos. É resguardar a matriz cultural brasileira e conservar o conhecimento sobre um modo de vida mais saudável e ecologicamente correto.

Para a subsistência dessas comunidades, são necessárias estratégias que gerem renda, uma vez que, com as alterações climáticas, já não é mais possível viver apenas do roçado e muitas das famílias precisam que alguns membros saiam dessas comunidades em busca de subempregos. Identificou-se que o turismo de base comunitária na região possui um potencial significativo para gerar renda, valorizar a identidade sertaneja e regional, e chamar a atenção para questões ambientais relevantes a serem discutidas. Além da beleza natural, da cultura sertaneja e do cerrado preservado, outro atrativo de destaque para os turistas, na região, é a visualização dos cenários descritos por Rosa em suas obras de notável reconhecimento no Brasil e no mundo.

4. OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é documentar, por meio da fotografia, os hábitos, costumes e crenças das comunidades tradicionais quilombolas de Buracos e Buraquinhos que habitam o corredor ecológico de Vão dos Buracos, no município de Chapada Gaúcha (MG).

Os objetivos específicos dessa pesquisa configuram-se em:

1. Dar visibilidade aos moradores;
2. Incentivar o turismo de base comunitária;
3. Fortalecer a memória cultural e a identidade do sertanejo;
4. Destacar a importância da preservação do Cerrado;
5. Produzir um livro.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico desta pesquisa deu-se sob três áreas de conhecimento: Turismo, Ciências da Informação e Comunicação. Assim, para a construção do livro Urudiá e deste projeto experimental foram analisados os seguintes temas:

5.1 Turismo de Base Comunitária

O turismo de base comunitária (TBC) é uma opção de turismo sustentável em oposição ao turismo de massa que, por muitas vezes, causa impactos ambientais e o esgotamento de recursos naturais. Nessa modalidade, a comunidade torna-se um ente importante para a atividade turística e o seu modo de vida faz parte da experiência proporcionada ao visitante. A preservação dos recursos naturais é imprescindível para o atrativo oferecido. A WWF Brazil descreve:

O turismo de base comunitária é uma linha de trabalho que consiste em valorizar as atividades culturais e os modos de vida no contexto natural em que eles se encontram. Assim, os visitantes são levados para conhecer o dia a dia das comunidades e vivenciar com elas suas realidades – como a ida para a roça, os banhos de rio, a produção da farinha, as atividades de pescaria (...) e as atividades relacionadas ao extrativismo (WWF, 2018).

Assim, os hábitos e costumes dos moradores das comunidades de Buracos e Buraquinhos proporcionam uma vivência sertaneja de raiz e interiorana, imersa em um contexto cultural capaz de retratar uma parte da história brasileira. Somado a isso, no quintal de suas casas os moradores gozam de paisagens belíssimas com paredões de barro, morros, árvores do Cerrado, rios e araras. Além de sua relevância ambiental e paisagística, esses cenários foram imortalizados por Guimarães Rosa em suas obras e alcançaram reconhecimento internacional, trazendo também uma relevância literária para essa região.

Carlos Maldonado (2009) em seu trabalho sobre “o turismo rural comunitário na América Latina”, traz um levantamento sobre a origem dessa atividade que remete a meados

dos anos 80 e aponta alguns fatores que influenciaram seu surgimento. Dentre esses fatores, destacam-se a existência de um nicho em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras e o esforço das comunidades rurais em gerar renda e superar um estado de escassez de recursos financeiros.

O Turismo Rural Comunitário responde a um segmento do mercado especializado (nicho) ao dirigir-se a pequenos grupos de viajantes em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras, combinando vivências culturais autênticas, desfrutando de cenários naturais e de uma remuneração adequada do trabalho comunitário. Esta modalidade contrasta com o padrão convencional do turismo de massa, cujos pacotes rígidos e impessoais obedecem a uma lógica econômica de um retorno imediato e máximo dos investimentos. (MALDONADO, 2009, p. 26)

Dentre as muitas formas de se consumir o turismo, emerge um novo público que já não quer apenas uma relação superficial com os lugares, mas conhecê-los de forma mais próxima. Isso gera oportunidade para comunidades tradicionais que são ricas em cultura. Para além disso, com as alterações dos espaços e das dinâmicas de poder entre comunidades tradicionais e o agronegócio é evidente a necessidade de medidas que gerem renda para esses moradores de forma sustentável. Maldonado aponta em seu estudo:

A vontade de superar a pobreza levou milhares de comunidades a buscar fontes alternativas de renda frente aos limitados resultados da economia de sobrevivência. Uma das opções implementadas é a dinamização das atividades não-agrícolas: a pequena agroindústria doméstica, o turismo e os ecomercados possuem um potencial ainda não explorado. Sem ser uma panacéia, o turismo, gerido sob determinadas condições, pode contribuir na revitalização da economia rural, gerando novas fontes de emprego e de renda. A valorização do patrimônio ambiental e dos acervos culturais pode significar vantagens competitivas para os negócios comunitários. (MALDONADO, 2009, p. 27)

Assim, o turismo de base comunitária faz parte de um processo de empoderamento dessas comunidades tradicionais que começam a se ver e se reconhecer como importantes. Maldonado destaca o patrimônio comunitário contido nesses povos e o define:

O patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo. Através disso, se expressam seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza. Com apoio nessas premissas, o turismo abre vastas perspectivas para a valorização do acervo do patrimônio comunitário. Diversas avaliações têm mostrado que, graças ao turismo, as comunidades estão cada vez mais conscientes do potencial que seus bens patrimoniais, ou seja, o conjunto de recursos humanos, culturais e naturais, incluindo formas inovadoras de gestão de seus territórios. (MALDONADO, 2009, p. 29)

Embora a discussão em torno da implementação do TBC tenha pontos divergentes, ressalta-se a necessidade e o potencial de contribuição tanto para as comunidades quanto para os visitantes. Como uma troca que vai além do monetário.

Portanto, a perspectiva apontada por Rocha (2003), fundamentada em Buber, viola as fronteiras sociológicas para afirmar o sentido de comunidade como um compromisso a ser pactuado entre turistas e anfitriões e vivido por meio de relações de diálogo, como um caminho de enriquecimento humano considerando que “não é negada a possibilidade de interferência entre as culturas, mas que ela aconteça em equidade na afirmação de identidades.” (BARTHOLO et al, 2011, p. 20, apud SA, 2015)

Todavia, por tratar-se de um ambiente complexo e sensível que abriga espécies em extinção, flora nativa e nascentes, o público alvo deste trabalho é seletivo. Não podendo expandir-se de maneira desordenada e sem prévia análise de impactos. Ao analisar o turismo de base comunitária no município de Chapada Gaúcha, Felipe Sa fez o seguinte apontamento:

Seu público alvo é, numericamente, bastante inferior, até mesmo para garantir os menores impactos possíveis. Desse modo, o Turismo Comunitário deve ser entendido como um meio de aumentar a renda de populações tradicionais e proteger paisagens e culturas da lógica predatória do mercado mundial. (SA, 2015)

Uma característica fundamental do TBC é a participação da comunidade na construção, gestão e implementação das atividades turísticas. Por isso, não pretende-se aqui criar ou impor algo para essas comunidades, mas estimular e incentivar o que já vem sendo feito por elas.

O turismo não deve competir nem, e menos ainda, suplantiar as atividades tradicionais que têm garantido a sobrevivência de tais povos. É concebida como um complemento ao progresso econômico e ocupacional para potencializar e dinamizar as atividades tradicionais que as comunidades controlam com imensa sabedoria e maestria. (MALDONADO, 2009, p. 30)

Por oportuno, ressalta-se as instituições que têm trabalhado em prol do Turismo de Base Comunitária na região e despendido esforços para viabilizar novas ações e projetos. São elas: Instituto Rosa e Sertão, Fundação Pró-natureza, Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Rio Urucuia e Agência de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável de Chapada Gaúcha, dentre outras. Dos projetos criados para este fim destaca-se a imersão sócioecoliterária: Caminho do Sertão e o Encontro dos Povos do Grande Sertão-Veredas.

5. 2. Poéticas da Viagem

Poéticas da viagem é uma disciplina do Centro de Excelência e Turismo da Universidade de Brasília que levanta discussões sobre o olhar e a percepção do indivíduo em uma viagem. Essa disciplina busca problematizar a noção de viagem observando pontos como deslocamento, território e desterritorialização, alteridade e estranhamento, hospitalidade e hostilidade, paisagem e cidade. Os textos escritos para o livro Urudiá foram criados com base nas experiências e no olhar sobre o Vão dos Buracos e os moradores das comunidades que o habitam. Assim, o referido livro possui um conceito de diário de bordo em que são relatadas as experiências vividas com base na percepção da observadora constituindo-se então como uma literatura de viagem. Romano (2013) discorre sobre o assunto:

Literatura de Viagens são interdisciplinares, pois entrecruzam-se com a História, a Antropologia e a ficção, revelando um olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço e a cultura do outro. A viagem não é entendida apenas enquanto percurso mais ou menos longo e dificultoso, mas necessariamente inclui o que pareceu digno de registro devido à novidade e ao raro testemunho. (ROMANO, 2013. p. 38)

Longe de buscar definir ou delimitar o objeto narrado é importante esclarecer que o projeto Urudiá trata-se de um olhar sobre esse universo que pode não representar a visão que esses moradores têm de si mesmo ou a parte que mostrariam de sua região, por exemplo.

Guimarães Rosa ao retratar o sertão mineiro estava compondo também, de certa forma, uma literatura de viagem sobre o percurso que fez por 10 dias, em maio de 1952, junto à 8 vaqueiros que conduziam uma boiada da cidade de Três Marias até as proximidades de Araçáí, Minas Gerais. Porém, aos seus relatos de viagem que descrevem os personagens e paisagens que encontrou, Rosa acrescenta um fundo imaginário e ficcional que resultou em mais de três obras. Sobre a ficção na literatura de viagem, Cristovão (2002) aborda:

Tão natural é a ligação do maravilhoso com a viagem que lhe dá acesso, que também a viagem real dificilmente escapa a ser descrita em termos de ficção. Mas respeitando uma diferença fundamental: na narrativa da viagem real, a estrutura assenta na verdade ou na verossimilhança, sendo os elementos imaginários meros ornatos; na narrativa da viagem imaginária, é ao real que cabe o papel de ornamento (CRISTOVÃO, 2002 *apud* ROMANO, 2013).

Logo, a forma de ver e contar condensa-se a essa poética do olhar e da percepção sobre a viagem ou lugar visitado. A forma de transmitir isso também revela características do autor. Segundo, ROMANO:

O turismo de massa não teria matado a Literatura de Viagens, esta permanece como resultante da singularidade de um olhar sobre experiências em outros espaços, que busca sua forma expressiva na linguagem a partir de um trabalho de seleção e de transfiguração da memória. Podemos encontrar, principalmente em textos de escritores-viajantes, um viés poético que os tornam capazes de provocar o deslumbramento no leitor, não tanto pela novidade das referências imediatas, ou da efabulação construída a partir delas, mas pela força lírica que o olhar sensível e inteligente transmite. Força

lírca essa perceptível no poder que o texto tem de provocar certo estranhamento no leitor, por meio dos recursos de linguagem com que o autor transfigura e plasma sua experiência de viagem – real ou imaginária. (ROMANO, 2013, p. 42)

As obras de Rosa e o esforço das instituições atuantes no turismo de base comunitária tem atraído pessoas do país inteiro para a região. Contudo, reforça-se que para adentrar o sertão mineiro e obter um máximo aproveitamento dessa experiência intensa e profunda faz-se necessário sensibilizar o olhar para poder sentir a poesia do lugar e o que há de precioso ali.

5.3 Memória Coletiva

Um dos precursores do termo memória coletiva é o sociólogo Maurice Halbwachs. Seu trabalho aponta a construção da memória coletiva relacionando-a com a memória individual. Schmidt e Mahfoud (1993) analisam o trabalho de Halbwachs e afirmam:

A memória coletiva, para Halbwachs, desempenha um papel fundamental nos processos históricos. Por um lado, dando vitalidade aos objetos culturais, sublinhando momentos históricos significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais. Por outro, sendo a guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para a pesquisa histórica (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993).

A memória enquanto construção social não é um mecanismo imutável e permanente do passado. Porém, possui funções essenciais para a construção da identidade de um grupo, comunidade ou nação. Quanto a isso, Pollak (1989) discorre:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (...). A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das

instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum (POLLAK, 1989).

Por possuir uma grande extensão territorial, o Brasil abriga uma diversidade cultural imensurável. As comunidades tradicionais quilombolas e sertanejas possuem características peculiares que as diferem de outros grupos sociais até mesmo dentro da sociedade brasileira.

Uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais. (POLLAK, 1989. p. 3)

Em seu trabalho sobre “Memória, Esquecimento e Silêncio” Pollak (1989) discorre sobre a marginalização e o silêncio de memórias consideradas subterrâneas diante da memória oficial e expõe a dificuldade que as minorias podem ter para serem lembradas na memória coletiva da nação. Esse autor destaca a história oral como mecanismo que privilegia esses excluídos e viabiliza a durabilidade de suas memórias. Muitas das técnicas de extrativismo, uso sustentável do solo, construção ecológica de casas, confecção de bilros com material reciclado e aproveitamento do buritizeiro presentes nas comunidades estudadas foram transmitidas de forma oral e ancestral. Esse conhecimento durante muito tempo não obteve espaço na memória oficial do Brasil que corroborou técnicas depredatórias e altamente comerciais tidas como símbolo de desenvolvimento. Essas técnicas de um modo de vida sustentável e em harmonia com a natureza não podem permanecer marginalizadas. A cultura sertaneja precisa ser lembrada.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto (POLLAK, 1989).

O livro Urudiá constitui um elemento importante para reforçar a memória sertaneja e garantir que esses moradores permanecerão eternizados. É uma tentativa de democratizar esse espaço da memória coletiva por meio da comunicação.

5.4 Fotografia Documental

A fotografia documental pode ser considerada uma narrativa poética da imagem e diferencia-se da foto publicitária e do fotojornalismo por contar uma história por meio da fotografia. No trabalho desenvolvido para projeto Urudiá as imagens se encaixam nesse ramo da fotografia, pois visam relatar o cotidiano e os costumes do povo sertanejo.

Como referência nesse campo teórico destaca-se o trabalho de Susana Dobal (2012). Em seu estudo sobre “Sete sintomas de transformação da fotografia documental” ela afirma o caráter experimental da fotografia documental e destaca: “em cenário bem mais fluido, a fotografia perdeu o status de verdade última mas ganhou a possibilidade de revelar verdades múltiplas e provisórias.”, desse modo ratifica-se a característica do olhar subjetivo desse projeto.

6. METODOLOGIA

O método de abordagem utilizado neste trabalho foi o fenomenológico, pois descreve a experiência, tal como ela é e o sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento. Segundo Joel Martins, fenomenologia é:

“(...)um nome que se dá a um movimento cujo objetivo precípua é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível, de pressupostos e de preconceitos.” (MARTINS, 1990).

De forma que não foram feitos questionários ou entrevistas formais, as informações obtidas foram feitas em forma de vivência e conversas com a comunidade local, aproximando-se um pouco da forma de pesquisa qualitativa, porém sem um roteiro fechado e pré-moldado. O objetivo sempre foi deixar as pessoas o mais à vontade possível e não expô-las a situação de constrangimento.

O sertão é convencionalmente conhecido e exposto por suas histórias de luta, dor e pobreza. Neste trabalho buscou-se um olhar diferente para esse objeto. A intenção foi a de mostrar a força, a beleza e o que tem de mais rico nesse lugar que são as pessoas, seus saberes, crenças, sua simplicidade, humildade e receptividade.

Foram realizadas 2 pesquisas de campo com duração de 15 dias, nas primeiras aproximações. E inúmeras pesquisas de campo menores ao longo de dois anos. Ao fim desse processo de catalogação de imagens iniciou-se o processo de produção do livro. O nome “Urudiá” foi inspirado no caráter neologista e poliglota de Rosa. “Uru” em Tupi-Guarani significa “Ave” e “Diá” origina-se do grego “através”. A ideia dessa mistura é a do “Pássaro que atravessa”.

O conceito do livro é de um diário de bordo, um caderno de notas de viagem como o que foi usado por Rosa em sua travessia pelo sertão mineiro. A tipografia escolhida para a marca foi manuscrita reforçando esse conceito e optou-se por uma base não linear denotando a fluidez da trama e dos cursos desse projeto. No corpo do texto optou-se por uma escrita serifada com a utilização da família Minion Pro por sua alta legibilidade em tamanhos

menores. A paleta de cores foi inspirada no pé de Buriti, pois nessas comunidades tradicionais do Buriti tudo se aproveita: a palha para a cobertura de telhados, a seda da palha para artesanatos e esteiras, a madeira para a construção de móveis, o fruto como alimento, além do fato de que o Buriti é elementar na presença de uma Vereda. Assim, as cores que compõem essa paleta são: bordô, amarelo, verde e cinza.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que esse trabalho cumpriu o seu objetivo em ser uma pesquisa inicial sobre o tema em questão como elemento de aproximação entre futuros interessados acadêmicos e às comunidades estudadas. O principal desafio continua sendo a implementação de políticas e alternativas sustentáveis para gerar renda para as comunidades de Buracos e Buraquinhos, no município de Chapada Gaúcha. Também conseguiu contar um pouco sobre a história dos moradores da região sem expôr suas dores e intimidades. Mostrando pontos de paisagens interessantes a se conhecer no “quintal” de cada morador e trouxe uma reflexão sobre a questão ambiental, social e política que envolve o Cerrado.

A principal dificuldade enfrentada foi a grandeza e a complexidade do tema, envolvendo áreas distantes da comunicação das quais buscou-se um aprendizado mínimo para tratar do assunto. O conteúdo estudado por vezes se tornou denso e complexo, revelando a sua multidisciplinaridade e convidando a um novo enfoque de pesquisa.

Indica-se para trabalhos futuros o estudo sobre a Comunidade de Gaim do Cônego Marinho, onde é possível se avistar pinturas rupestres em cavernas. Possui raiz quilombola e é liderada por uma matriarca de quase 80 anos de idade. Não foi possível chegar a essa comunidade nessa pesquisa devido a dificuldade de acesso e a limitação de recursos financeiros.

A Comunicação é um importante instrumento político de informação e de registro histórico. A fotografia tem o poder de eternizar o objeto fotografado e levá-lo por quilômetros à realidades diferentes da sua. Assim apresenta-se ao meio acadêmico esses sertanejos e reforça-se o desejo de que um dia eles possam chegar a esse espaço acadêmico também.

A receptividade mineira e a alegria desse povo é o que há de mais marcante quando se chega em lugares como esse. É lamentável que ao chegarem em cidades maiores eles não possam ser recebidos com o mesmo respeito e atenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAS. Associação Brasileira de Águas Subterrâneas. **Águas subterrâneas, o que são?** Disponível em: <<http://www.abas.org/educacao.php#ind24>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

BECKER, Michael. **Um futuro para o Cerrado.** Disponível em: <https://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/?32542>. Acesso em: 19 nov. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4340.htm>. Acesso em: 16 nov. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 06 nov. 2018.

CBHSF. Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. **A bacia hidrográfica do rio São Francisco.** Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/2017/a-bacia/#caracteristicas>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MOSAICO SERTÃO VEREDAS PERUAÇU. **Do sertão ao Peruaçu.** Disponível em: <<http://mosaicosp.com.br/o-mosaico/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPADA GAÚCHA. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.chapadagaucha.mg.gov.br/#/municipio/historico/1/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

IBGE. **Chapada Gaúcha.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-gaucha/panorama>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

IBAMA; FUNATURA. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Grande Sertão Veredas.** Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/parna_grande_sertao_veredas.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

JÚNIOR, Ferraz. **Agronegócio sustenta protagonismo na economia brasileira.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/agronegocio-sustenta-protagonismo-na-economia-brasileira/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MALDONADO, Carlos. **Turismo Rural Comunitário na América Latina: gênese, características e políticas.** In: BARTHOLO, Roberto (Org.); SANSOLO, Davis Gruber (Org.); BURSZTYN, Ivan (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiência brasileira. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. 2009. p. 25-45.

SA, Felipe. **Análise das percepções da comunidade de Chapada Gaúcha (MG) sobre o turismo de base comunitária.** Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

CASADEI, E. B. **Maurice halbwachs e marc bloch em torno do conceito de memória coletiva.** Revista Espaço Acadêmico, v. 9, n. 108, p. 153–161, 2010.

DOBAL, S. **Sete sintomas de transformação da fotografia documental.** Ícone, v. 14, n. 1, 2012.

HALBWACHS, M. **On collective memory.** [S.l.]: University of Chicago Press, 1992.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** [S.l.]: Ateliê Editorial, 2007.

LISSOVSKY, M. **A fotografia documental no limiar da experiência moderna. Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

LOMBARDI, K. H. **Documentário imaginário novas potencialidades na fotografia documental contemporânea.** Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 2007.

MARTINS, Joel. **Fenomenologia e Currículo.** PUC-SP, 1990.

OLIVEIRA, A. M. M. de. **Viagens e viajantes na literatura: a travessia de guimarães rosa.** Revista Urutágua, n. 22, p. 53–65, 2010.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

ROMANO, L. A. C. **Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea.** Estação Literária, v. 10, p. 33–48, 2013.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas.** [S.l.]: Nova Fronteira, 2013.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs. **Memória coletiva e experiência.** Psicologia USP, v. 4, n. 1-2, p. 285–298, 1993.

WWF-BRASIL. **Cerrado.** Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/>. Acesso em: 16 nov. 2018.

WWF-BRASIL. **Manifesto do Cerrado.** Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/manifestodocerrado/> Acesso em: 19 nov. 2018.

WWF-BRASIL. **Mosaico Sertão Veredas Peruaçu passa a ser um dos maiores do Cerrado.** Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?66542/Mosaico-Serto-Veredas-Peruaçu-ampliado-e-passa-a-ser-um-dos-maiores-do-Cerrado>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

WWF-BRASIL. **Turismo sustentável.** Disponível em: <<http://www.somosamazonia.wwf.org.br/turismo-sustentavel/>> Acesso em: 20 nov. 2018.

